

Uma mirada nas “Mulheres do Quilombo” sob lentes (auto)biográficas

Ana Paula Alba Wildt^{1*} 

Maiara Bernardes Marques² 

¹ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Brasil

² Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) – Brasil

*Correspondência: anapaula@furg.br

RESUMO

Este trabalho objetiva visibilizar e compreender as (re)existências de mulheres quilombolas mediante suas próprias vozes ecoadas no documentário “Mulheres do Quilombo”. Mulheres quilombolas são frequentemente representadas como guardiãs de um vasto conhecimento tradicional que abrange práticas agrícolas, culinárias e medicinais e conexões espirituais, todas passadas de geração em geração. Na produção audiovisual, quatro mulheres quilombolas, de idades entre 24 e 94 anos, narram suas histórias de resistência e de superação, possibilitando a quem está de fora da comunidade compreender como suas (re)existências vêm sendo tecidas profundamente enraizadas na memória das histórias vividas por elas e pelas mulheres que as antecederam. Na análise narrativa do documentário, evidencia-se o papel central das mulheres na comunidade quilombola não apenas como mantenedoras da cultura e das tradições, mas, especialmente, como líderes em processos de resistência, igualdade de gênero e busca por direitos.

PALAVRAS-CHAVE:

Mulheres quilombolas
Documentário
Narrativas
(auto)biográficas
Gênero
Território
Saberes tradicionais

SUBMETIDO: 5 de abril de 2026 | **ACEITO:** 18 de junho de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Refletindo a luta contínua contra as estruturas de poder que persistem na sociedade contemporânea, este trabalho busca compreender como vêm sendo (re)construídas as identidades de quatro mulheres quilombolas que resistem em uma comunidade historicamente marginalizada e subjugada (Alves; Acioli, 2020) mediante uma escuta atenta e sensível de suas narrativas autobiográficas audiovisuais, que abordam saberes ancestrais, memórias e experiências quilombolas na intersecção com

marcadores de gênero, raça e etnia, território e busca por direitos.

Comunidades quilombolas são grupos sociais formados predominantemente por descendentes de origem africana que foram escravizados e que historicamente se organizaram em territórios conhecidos como quilombos (Leite, 2000). Essas comunidades são caracterizadas pela preservação de práticas culturais, sociais e religiosas ancestrais, além de forte vínculo com a terra, que é vista como um elemento essencial de sua identidade coletiva e sobrevivência (Leite, 2008).

As comunidades quilombolas surgiram como forma de resistência à escravidão e à opressão, estabelecendo-se em áreas de difícil acesso para garantir a autonomia e a liberdade de seus membros (Leite, 2008). Atualmente, a população quilombola continua reivindicando seus direitos territoriais e culturais, enfrentando desafios socioeconômicos e políticos, resistindo em uma contramarcha decolonial com vistas à preservação da herança afro-brasileira.

Nessa direção, ouvir as mulheres quilombolas por lentes (auto)biográficas permite compreender a comunidade “de dentro para fora” e contribui para a valorização das suas experiências, frequentemente invisibilizadas, bem como a ampliação do reconhecimento social dos saberes, das memórias e das formas de organização produzidas pelas mulheres quilombolas.

Caminho metodológico

Este trabalho é uma análise narrativa do documentário “Mulheres do Quilombo”, produzido no ano de 2024 pelo grupo de pesquisa e extensão Meios – Comunicação, Relações Raciais e Gênero, sediado no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, em parceria com a Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, localizada no município de Paula Cândido, em Minas Gerais.

Na produção audiovisual, Gláucia, Patrícia, Liliane e Ermelinda, quatro mulheres quilombolas entre 24 e 94 anos, narram suas histórias de resistência e superação, possibilitando a quem está de fora da comunidade compreender como suas (re)existências vêm sendo tecidas profundamente enraizadas na memória das histórias vividas por elas e pelas mulheres que as antecederam.

A análise narrativa, caminho metodológico escolhido para navegar por entre as histórias das personagens do documentário, debruça-se sobre o espaço

(auto)biográfico como locus de produção de sentidos sobre as (próprias) experiências. Nessa perspectiva, as narrativas autobiográficas audiovisuais das quatro mulheres são acessadas nesta análise para possibilitar a quem está “de fora” da comunidade quilombola a visão de quem está “dentro”, evidenciando e valorizando experiências que poderiam ser ignoradas, distorcidas, diminuídas e marginalizadas em outras tradições de pesquisa.

As narrativas (auto)biográficas são instrumentos de pesquisa que permitem navegar e compreender a experiência humana. Trabalhar com narrativas em primeira pessoa possibilita observar fragmentos subjetivos das histórias de vida de indivíduos ou de grupos que se entrelaçam no ato de narrar a si, revelando, nessa bricolagem, dimensões que poderiam não ser acessadas ou seriam reduzidas em outros métodos de investigação (Abrahão, 2003).

Por conseguinte, analisar narrativamente permite (co)construir conhecimento por uma perspectiva que abraça as identidades, as trajetórias de vida, as escolhas e as transformações vividas por um indivíduo ou comunidade cultural. Isso porque as narrativas são um espaço em que os sujeitos refletem sobre si mesmos, articulam suas experiências e posicionam-se em relação ao mundo social, em um movimento de tomada de consciência que pode ser, também, pedagógico (Josso, 2007). Ao narrarem suas próprias histórias, os indivíduos estruturam suas experiências, selecionam o que consideram mais significativo e permitem acessar suas vidas, suas subjetividades e sua interação com as estruturas sociais e históricas (Prado; Soligo; Simas, 2014).

As narrativas (auto)biográficas podem evidenciar experiências e memórias de resistência/(re)existência, especialmente em grupos que enfrentam alguma invisibilidade social, como as mulheres quilombolas. Quando pesquisadores ou terceiros falam sobre as mulheres quilombolas, essas narrativas podem ser filtradas por preconceitos, estereótipos ou visões externas que nem sempre captam a profundidade de suas vivências, invisibilizam as complexidades de suas experiências ou distorcem suas realidades (Abrahão, 2003).

Por outro lado, as narrativas (auto)biográficas no documentário permitem que as mulheres do quilombo narrem a si mesmas expressando suas identidades nas suas próprias vozes, em lugar de terem suas histórias contadas pelo olhar de quem está fora da comunidade cultural. Isso promove uma compreensão mais autêntica e profunda, que respeita o lugar de fala e a autonomia dessas

mulheres acerca do próprio vivido.

Dessa forma, abre-se espaço para compreender melhor os desafios e as resistências das mulheres quilombolas sem mediações ou interferências, revelando sua agência e seu protagonismo na luta por direitos em sua comunidade.

“Mulheres do Quilombo”: narrativas de (re)existência em primeira pessoa

São quatro as personagens do documentário “Mulheres do Quilombo”: Gláucia, Patrícia, Liliane e Ermelinda. Em narrativas em primeira pessoa, as mulheres abordam questões fulcrais da resistência quilombola, como as relações de trabalho e as responsabilidades precoces que enfrentaram desde a infância, ligadas à necessidade de contribuir para a subsistência familiar em contextos de enorme vulnerabilidade, as suas aprendizagens na comunidade e a falta de acesso à educação formal, a luta pelo reconhecimento territorial, que vai além de uma questão geográfica, sendo uma marca identitária e cultural no contexto do quilombo, e as desigualdades estruturais de gênero e étnico-raciais que atravessam suas experiências cotidianas. Suas narrativas autobiográficas revelam, assim, uma complexa trama entre trabalho, educação, território e identidades, proporcionando uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais que moldam suas vidas e das lutas por equidade que ainda persistem.



Figura 1. As “mulheres do quilombo” sob lentes (auto)biográficas.

Fonte: Documentário “Mulheres do Quilombo” (2024).

As mulheres quilombolas ocupam um lugar central nessas comunidades, muitas vezes assumindo papéis de liderança e desempenhando funções fundamentais para a manutenção da vida e da cultura quilombola (Held; Campos, 2022). No entanto, essas mulheres enfrentam desafios específicos em relação às questões de gênero, influenciados tanto pelas tradições culturais das próprias comunidades quanto pelas estruturas de poder que existem na sociedade como um todo.

Frequentemente detentoras de saberes tradicionais em diferentes culturas, incluindo conhecimentos relacionados à medicina, culinária, agricultura, artesanato, entre outros (Oliveira et al., 2024), os conhecimentos das mulheres quilombolas desempenham papel importante na preservação da identidade cultural e na garantia da sobrevivência das comunidades, sendo as mais velhas responsáveis por transmitir esses saberes às meninas e mulheres mais jovens, e até aos homens. Esse papel é frequentemente desempenhado por meio de práticas cotidianas, como a preparação de alimentos, cuidados com a saúde, rituais religiosos e outras formas de transmissão oral (Pereira; Magalhães, 2023).

No documentário, esses saberes e conhecimentos são abordados pela quilombola Patrícia:

Uns falam benzedeiras e outros rezadeiras, né... eu falo rezadeira. Minha vó rezava muito. Antigamente dizia muito "ah o nenê tá com sapinho"; hoje, eles mandam passar algodão com alguma coisa de farmácia, né, aí antigamente eles levavam na minha vó, minha vó cortava, né, passava algodãozinho na língua da criança e colocava na parede. (Narrativa de Patrícia)

Nessa direção, Gláucia revela que gosta da agricultura familiar, de cuidar da horta: "Graças a Deus, minha profissão de doméstica não deu certo". Gláucia é lavradora, "nascida e criada com essa tradição, com o povo tradicional", e trabalha com "as tarefas rurais, com o serviço de roça". Ela conta que é conhecida na comunidade como "Gláucia artesã":

Faço vários tipos de serviço – sou artesã, tenho um artesanato, faço bordado, ponto cruz, crochê... Valorizo por gostar, por saber fazer, e faço realmente porque eu gosto, porque eu conheço. (Narrativa de Gláucia)

No entanto, as mulheres quilombolas frequentemente desempenham atividades sem qualquer reconhecimento formal, como o trabalho doméstico, a

agricultura de subsistência e o artesanato, que, apesar de serem essenciais para suas comunidades, permanecem invisíveis aos olhos das políticas públicas. Essa invisibilidade perpetua a exploração, a desigualdade e impede que essas mulheres tenham acesso a uma vida mais digna e cidadã.

Um dos fatores que colaboram para esse cenário é a localização geográfica remota das comunidades, geralmente em áreas rurais ou de difícil acesso, que limita ou isola os quilombos. As comunidades quilombolas têm uma relação histórica e profunda com os territórios que ocupam, utilizando práticas sustentáveis para a agricultura, pesca, e coleta de produtos florestais, que garantem sua subsistência e preservam o meio ambiente (Leite, 2000). Esses modos de produção tradicionalmente respeitam o ciclo natural dos recursos, evitando a degradação ambiental e assegurando a continuidade de suas práticas ao longo das gerações.

Porém, com o avanço das atividades extrativistas, essas comunidades se veem frequentemente deslocadas de suas terras ou forçadas a conviver com a devastação ambiental. A destruição de florestas, a contaminação de rios e águas e a perda de biodiversidade resultantes do extrativismo comprometem diretamente a capacidade de manterem suas práticas de subsistência (Nascimento; Arantes; Carvalho, 2016, 2016). A perda de acesso a recursos vitais, como água potável, caça, pesca e terras férteis contribui para a insegurança alimentar e a precarização da vida (Nascimento; Arantes; Carvalho, 2016).

Além disso, a degradação ambiental provocada pelo extrativismo afeta também a saúde das populações quilombolas, que enfrentam um aumento de doenças causadas pela poluição e pela exposição a produtos químicos usados em atividades como a mineração e a monocultura (Nascimento; Arantes; Carvalho, 2022; Santos et al., 2023).

Não raro, o acesso à saúde, à educação e a mantimentos torna-se desafiador. Além disso, a infraestrutura precária, como estradas em más condições e a falta de transporte adequado também impedem ou dificultam o acesso à saúde e à chegada de profissionais a essas áreas regularmente (Pereira; Mussi; Rocha, 2020).

Dadas as condições locais e o vigor das tradições culturais, a conduta mais frequente das mulheres, quando adoecem, é o uso de remédios caseiros. Como é usual em comunidades negras rurais, elas

se tratam preferencialmente com preparados à base de cascas, raízes, folhas e óleos (vegetais ou animais) cuja produção é fundamentada em conhecimentos passados de geração a geração. (Nascimento; Arantes; Carvalho, 2022, p.9.)

As barreiras linguísticas e culturais também podem contribuir para as dificuldades existentes nesse contexto, pois muitas vezes os profissionais de saúde não estão preparados para lidar com as especificidades culturais das comunidades quilombolas, o que pode gerar desconfiança e relutância das mulheres em procurar atendimento médico (Pereira; Mussi; Rocha, 2020).

A quem serve a manutenção de uma gestão que não garante os direitos da população quilombola? Talvez essa reflexão seja explicada pelas formas do exercício do poder que transforma projetos de governos em projetos políticos divergentes daquilo que é realmente necessário para a melhoria da saúde da população. A rede de poder existente na gestão pública, em grande parte, é composta por políticos (gestores), sem representatividade significativa da população estudada. (Almeida, 2020, p.98)

À medida que os muitos desafios enfrentados pela comunidade quilombola são desvelados, recortes de gênero vão tecendo as narrativas das mulheres. Especialmente as meninas e mulheres quilombolas enfrentam barreiras no acesso à educação e à formação profissional, diminuindo drasticamente suas oportunidades de trabalho e autonomia financeira, tornando-as totalmente dependentes não só do Estado, mas dos homens da comunidade. Via de regra, são elas as responsáveis pela gestão da casa, pelo cuidado dos irmãos e dos filhos e por outras tarefas domésticas, o que acaba limitando sua participação em atividades sociais e políticas (Cerqueira, 2024).

Olha, na verdade, só de ser mulher já é a principal dificuldade, né? Porque hoje a mulher... em todo lado que tu vê, a mulher só é massacrada, a mulher hoje de tanto benefício que ela tem, ela não é beneficiada em nada, né? (Narrativa de Patrícia)

Recente pesquisa com mulheres residentes em um quilombo na Bahia, com idades entre 23 e 49 anos, indica que a autonomia reprodutiva das mulheres quilombolas, por exemplo, ainda é influenciada por estruturas patriarcais:

Os papéis definidos para as mulheres na sociedade ao longo da história determinavam, e em alguns casos, ainda determina, as suas decisões reprodutivas. As pressões sociais para o casamento e concepção são vivenciadas por muitas mulheres logo no início da fase adulta, especialmente por aquelas pertencentes a certos grupos étnicos e/ou que residem em comunidades ainda com fortes

marcas do patriarcado, como as comunidades rurais quilombolas. (Fernandes et al, 2021, p.6.)

O casamento na menor idade é comum em comunidades quilombolas (Nascimento; Arantes; Carvalho, 2022). Isso não impede, contudo, o abandono das jovens pelos maridos, muitas vezes quando engravidam.

Tinha aquela questão da escola, dia dos pais, eu tinha um padrasto, minha mãe não tinha tempo de ir na reunião até porque ela trabalhava, de noite ia dormir pra acordar no outro dia pra trabalhar, então quando tinha reunião de pai ela não ia, nem de pai nem de mãe. Mas eu não tenho nome de pai nem na certidão e também não faz falta pra mim e eu não tenho interesse de saber quem é, aí ficava aquele negócio no dia dos pais, "quem é seu pai? Você não tem pai não?" Então, tipo assim, eu aprendi com isso e vivi. Tanto que eu nem ficava perguntando para minha mãe "quem é meu pai? De onde ele é?" Porque, às vezes, se alguém se cala um dia por alguma coisa, é porque tem motivo. E se ela não falava, ou se ela nem conseguiu o nome na certidão, por que eu ia ficar tocando numa coisa que não ia trazer resultado? Mãe e pai são quem cuidam, se bem que, em certo tempo, meu padrasto também deixou a gente... (Narrativa de Gláucia)

Como os casamentos acontecem antes da maioridade das mulheres, frequentemente elas se relacionam com homens mais velhos, capazes de prover alguma renda oriunda de roça própria, do trabalho assalariado ou mesmo de aposentadoria (Nascimento; Arantes; Carvalho, 2022, p.8). Às mulheres, é relegado o trabalho doméstico, dentro e fora da comunidade.

Na busca por seu próprio espaço no mercado de trabalho, uma das graves violências vividas pelas mulheres quilombolas é a exploração empregatícia e condições de trabalho que se assemelham ao período escravocrata (NEVES, 2022). Em muitas regiões do Brasil, especialmente em áreas rurais e isoladas, as mulheres quilombolas são submetidas a relações de trabalho profundamente desiguais e abusivas.

Muitas vezes, elas se veem obrigadas a aceitar empregos que oferecem salários irrisórios, em jornadas exaustivas, sem quaisquer direitos trabalhistas garantidos (Soares, 2021). Essa exploração é agravada pela falta de acesso à educação, saúde, e outros serviços essenciais, fazendo com que estas mulheres se mantenham presas em um ciclo de pobreza e vulnerabilidade (Amoras; Costa; Araújo, 2021).

Sobre esse ciclo, Patrícia reflete:

Eu fico doida quando eu começo a conversar com alguém, que eles comecem a me falar do passado, mas muitos não gostam, pois acham que o passado deles foi muito pesado, então tem uns que não gostam de contar, que acham que é humilhação, outros não conseguem nem entender que foi humilhado, que foi escravizado, pois acha que aquilo era normal, e a gente hoje tem entendimento que aquilo não foi normal... [...] Tem gente que acha que o negro não vale nada, que ele não tem a mesma altura que o branco tem que ter, ele sempre tem que tá lá embaixo, então quando a mulher negra ela tá lá em cima então ela enfrenta muitas dificuldades, ela tem que ter muita cabeça fria e muito pensamento pra conquistar as coisas, senão ela desce. (Narrativa de Patrícia)

Patrícia se refere às condições de trabalho enfrentadas pelas mulheres quilombolas, que lembram as práticas do período escravocrata, quando a mão-de-obra negra era explorada de maneira brutal e desumana (Soares, 2021). Hoje, embora o Brasil tenha avançado em termos de direitos e igualdade, essas conquistas muitas vezes não chegam às comunidades quilombolas, perpetuando o sistema de exploração que remonta à época colonial. A falta de fiscalização e a negligência do poder público em proteger os direitos dessas trabalhadoras contribuem para a manutenção dessa situação.

Em “Mulheres do Quilombo”, essa exploração fica evidente nas narrativas de Ermelinda, 94 anos, e Patrícia e Gláucia, bem mais jovens:

Vai daqui direto, sobe aquele morro e vai direto, a primeira fazenda é essa aí, fazendo o que? Cozinhando, lavando roupa, capinando, cuidando criança, é isso aí. Tem mais de 60 anos que eu trabalhei lá... começou com sete anos, eu tava brincando com as crianças, fazendo companhia para minha mãe, minha mãe ia lavar roupa e era isso que eu fazia com ela, aí eu fui crescendo lá, quando foi o casamento do patrão eu fui pra lá e fiquei direto, até nessa data de agora... (Narrativa de Ermelinda)

Ah eu comecei desde sempre, eu comecei... com meus 9 anos eu já tava ajudando, já fazia casa, comida, roupa, eu falo que é interessante que a gente, antigamente... eu sempre falo que a gente era feliz e não sabia porque eu não cresci em uma casa de telhado igual a essa, eu não cresci em uma casa de tijolo... a minha casa era casa de sapê, mas a gente tinha aquele orgulho de ter, porque a gente pregava barro... (Narrativa de Patrícia)

Eu parei de estudar com 16 anos, eu tava estudando à noite e eu tava na sexta série, tinha tirado a quinta série e estudava na escola em Nova Viçosa, mas quando eu tinha 9 anos, aí a cantiga já mudou, aí eu já trabalhava mesmo, eu e minha mãe, minha mãe sempre uma mulher forte, ali trabalhando para levar sustento pra

casa e eu também trabalhava. Lamento, mas era o que tinha que ser feito naquela época, eu ganhava um dinheirinho e ajudava minha mãe a comprar as coisas pra dentro de casa, não que ela pedia, e não que ela mandava, minha mãe nunca mandou eu vai adiar a aula hoje e vai trabalhar; minha mãe nunca me falou isso, ela nunca colocou o trabalho e a escola como escolha, mas eu sempre quis fazer isso, eu sempre achava que eu tinha que ajudar. (Narrativa de Gláucia)

A busca da autonomia feminina acontece pela capacitação, pelo trabalho de grupos de mulheres que se encontram para reforçar a cultura da comunidade, produzir e aumentar a renda com a venda dos produtos (Fernandes, et al, 2021, p.5).

Muitas mulheres quilombolas têm se organizado em torno de lutas pelos seus direitos e pela igualdade profissional, salarial, participando de movimentos sociais e políticos, reivindicando o reconhecimento de seus saberes e práticas culturais, bem como o acesso a políticas públicas que possam garantir sua autonomia e o respeito aos seus direitos (Pereira; Magalhães, 2023).

O povo fala que mulher não faz nada, né, então eles acham que, por estar em casa, a gente tem que dar conta de tudo, e a gente, como mulher, dá mesmo um jeitinho, porque é coisa que a gente já faz no dia a dia. E na verdade quem tá precisando disso é a mulher, né, a gente tá precisando ocupar um lugar que é nosso, porque sempre foi o homem que esteve ali, então para eles tanto fez tanto faz. A gente também está ali pra conquistar nosso espaço. (Narrativa de Liliane)

Esse movimento vem extrapolando o território quilombola:

A tecitura das resistências e lutas coletivas pelas mãos das mulheres não se dá só nos territórios quilombolas. Está também nos territórios indígenas, nos terreiros afro-brasileiros, nos movimentos populares, nos assentamentos e acampamentos sem-terra, em comunidades afrrurais, nas favelas, nas ocupações urbanas e, cada vez mais, nos aquilombamentos dentro das universidades, nas ruas, nos coletivos feministas, nas rodas de samba, no funk e no hip-hop. Percorre o chão que dá liga e conteúdo ao que podemos nominar como espaços de resistências ou territórios de insurgências negras e contracoloniais. (Soares, 2021, p.3)

É justamente isso que o documentário "Mulheres do Quilombo" evidencia: na resistência e na desobediência das mulheres quilombolas, a comunidade vem ressignificando e reafirmando a sua identidade, retomando a sua territorialidade e conquistando a sua autonomia, fazendo emergir Gláucias, Patrícias, Lilianes e Ermelindas outras, independentes, donas de suas histórias e líderes de um

movimento crescente de visibilização e valorização quilombola:

A maioria das lideranças na comunidade são mulheres, eu acho que é porque as mulheres interessam mais nas coisas da comunidade, são bem mais interessadas e compreendem mais as coisas da comunidade. O que que falta? Ainda ter mais professoras quilombolas, falando de igual para igual, às vezes nem só professoras quilombolas, mas quem está disposto a falar sobre isso. [...] Ele [o curso superior] me fez melhor para a comunidade, ver as potencialidades dela, e, assim, poder explorar e melhorar a nossa comunidade... E também, a partir disso, eu venho trazendo um pouquinho do que eu aprendi na universidade pro meu povo e fazendo essa troca mais de perto. [...] Quando eu estudei, ninguém falava e estimulava a comemorar o 20 de novembro, ninguém incentivava isso [...] meu cabelo, hoje em dia eu já aceito assim, né, mas a vida inteira na escola todo mundo "ah tem que pentear esse cabelo, seu cabelo tem que ficar preso, que é mais fácil de cuidar", aí no dia que minha mãe fazia trança em mim, eu escutava "hoje você tá bonitinha", então quer dizer que quando meu cabelo não está trançado eu estou feia? Hoje em dia, as professoras que estão aqui estão fazendo esse trabalho de acolher, de ensinar. [...] Lidar com a consciência do aluno para ele se afirmar também. [...] Eu nunca tinha me percebido como quilombola, foi a partir do curso [superior] que eu comecei a fazer a disciplina de autoconhecimento e eu fui pesquisar e entender com a minha família o que era, aí quando eu entendi que tinha relação com o que eu já fazia dentro da comunidade, que eu participava dos festejos, das rezas, de conversar com o pessoal da comunidade, de estar junto com os mais velhos, trabalho na roça, então eu entendi, ah eu também sou quilombola e eu também posso estar ajudando a reconhecer outras pessoas e eu também me afirmei, enquanto mulher preta e quilombola, mãe também. O enfrentamento é diário e é muito forte, né? À medida que vai tendo mais pessoas pra somar nesse movimento [...] são mais pessoas pensando igual, né? (Narrativa de Liliane)

Considerações finais

Este estudo desenvolveu uma análise narrativa do documentário "Mulheres do Quilombo", produzido em 2024 pelo grupo de pesquisa e extensão Meios – Comunicação, Relações Raciais e Gênero, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, em parceria com a Comunidade Quilombola do Córrego do Meio, do município de Paula Cândido, em Minas Gerais, a partir de um corpus de narrativas autobiográficas audiovisuais de quatro mulheres quilombolas entre 24 e 94 anos: Gláucia, Patrícia, Liliane e Ermelinda.

Mulheres quilombolas enfrentam importantes desafios para resistir aos diversos tipos de exploração e à marginalização a que são submetidas, e seguem

lutando pela preservação de suas identidades, suas culturas e seus direitos. Suas (re)existências desafiam as estruturas de poder que buscam silenciá-las.

Os resultados deste estudo demonstram que memória, ancestralidade, território e gênero constituem dimensões centrais das identidades narradas pelas participantes. A abordagem (auto)biográfica, tomada como caminho metodológico nesta pesquisa, permitiu acessar os significados produzidos pelas próprias mulheres quilombolas sobre suas trajetórias e formas de resistência.

Conclui-se que o documentário “Mulheres do Quilombo” visibiliza e permite compreender as (re)existências das quatro mulheres quilombolas, que, narrando suas vidas na comunidade, inspiram as futuras gerações como vozes legítimas da luta pela justiça social, que permanece urgente.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História da Educação*, n.14, p.79-95, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- ALMEIDA, Carla Beatriz. Reflexão sobre o controle do acesso de quilombolas à saúde pública brasileira. *Avances en Enfermería*, v.37, n.1, p.92-103, 2019. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/67042>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- ALVES, Vera Lúcia Santos; ACIOLI, Moab Duarte. Um olhar decolonial sobre a territorialidade dos pescadores tradicionais do Angari. *Revista Direito em Debate*, v.29, n.54, p.56-65, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/11453> Acesso em: 20 jun. 2025.
- AMORAS, Maria; COSTA, Solange Maria Gayoso; ARAÚJO, Luana Mesquita de. O ativismo das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e pós-colonial, no contexto da América Latina. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.23, p.1-22, 2021. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6571> Acesso em: 20 jun. 2025.
- CERQUEIRA, Ana Carolina. Criações da cozinha: corpos, pessoas e relações em contextos indígenas, camponeses e quilombolas. *Revista de Antropologia*, n.67, p.1-23, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.210329> Acesso em: 15 jul. 2025.
- FERNANDES, Emanuela Tavares Bezerra Silva et al. Condições de vida de mulheres quilombolas e o alcance da autonomia reprodutiva. *Escola Anna Nery*, v.25, n.2, p.1-9, 2021.
- HELD, Tatiana Maria Ribeiro; CAMPOS, Isabela Gomes. Quilombola women and the struggle for territory from the perspective of decolonial feminism. *Revista Katálisis*, v.25, n.3, p.560-569, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e86195>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, v.30, n.63, p.413-438, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2741>. Acesso em: 01 abr. 2025.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, n.4, v.2, p.333-354, 2000. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/os-quilombos-no-brasil-questoes-conceituais-e-normativas>. Acesso em: 01 abr. 2025.

- LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: Desafios, conquistas e impasses atuais. *Revista Estudos Feministas*, v.16, n.3, p.965-977, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300015>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- MULHERES DO QUILOMBO. Direção: Juliana Shimada Brotto. Viçosa: Grupo Meios, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7JC5wnZ8Ur8>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- NASCIMENTO, Germana Aguiar Ribeiro do; BATISTA, Mércia Rejane Rangel; NASCIMENTO, Marília Aguiar Ribeiro do. Panorama atual de proteção do direito à terra das comunidades quilombolas e desafios futuros. *Interações*, v.17, n.3, p.432-447, 2016. Disponível em: [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.3\(07\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.3(07)). Acesso em: 10 jul. 2025.
- NASCIMENTO, Veridiana Barreto do; ARANTES, Ana Carolina Vitorio; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. Vulnerabilidade e saúde de mulheres quilombolas em uma área de mineração na Amazônia. *Saúde e Sociedade*, v.31, n.3, p.1-14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210024pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- NEVES, Daniela. A exploração do trabalho no Brasil contemporâneo. *Revista Katálysis*, v.25, n.1, p.11-21, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82561>. Acesso em: 09 jul. 2025.
- OLIVEIRA, Patrícia Silva Dias et al. Itinerários terapêuticos de mulheres quilombolas do norte de Minas Gerais, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.29, n.3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.01762023>. Acesso em 12 abr. 2025.
- PEREIRA, Andréa dos Santos; MAGALHÃES, Larissa. Life in the quilombo: work, affection and care in the words and images of quilombola women. *Interface: Communication, Health, Education*, v.27, p.1-17, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210788>. Acesso em 11 abr. 2025.
- PEREIRA, Rita; MUSSI, Ricardo; ROCHA, Rafael. Acesso e utilização dos serviços de saúde por quilombolas contemporâneos baianos. *Revista da ABPN*, v.12, n.31, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/739>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Renata; SIMAS, Vanessa Fernandes. Pesquisa narrativa em três dimensões. *Anais do Congresso Nacional de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v.6, p.2-16, 2014.
- SANTOS, Thalita Gomes dos et al. Análise etnofarmacológica de plantas medicinais em uma comunidade quilombola: ênfase em doenças crônicas. *Cogitare*

Enfermagem, v.28, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ce.v28i0.88742>.

Acesso em: 17 jun. 2025.

SOARES, Maria Rita Pereira. Territórios insurgentes: a tecitura das lutas e das resistências de mulheres quilombolas. Revista Katálýsis, v.24, n.3, p.522-531, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79280>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Looking at Quilombola Women through (Auto)biographical Lenses

ABSTRACT

This work aims to highlight and comprehend the (re)existences of quilombola women through their own voices echoed in the documentary "Mulheres do Quilombo". Quilombola women are often portrayed as guardians of a vast traditional knowledge that ranges from agricultural, culinary and medicinal practices to spiritual connections, all passed down from generation to generation. In the audiovisual production, four quilombola women, between 24 and 94 years old, narrate their stories of resistance and overcoming, enabling those outside the community to understand how their (re)existences have been deeply rooted in the memory of the stories lived by them and the women who preceded them. In this narrative analysis, the central role of women in quilombola communities is highlighted, not only as maintainers of culture and traditions, but, especially, as leaders in processes of resistance, gender equality and fight for rights.

KEYWORDS:

Quilombola women
Documentary
(Auto)biographical
narratives
Gender
Territory
Traditional knowledge

SUBMETIDO: 5 de abril de 2026 | **ACEITO:** 18 de junho de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#)
